

**Do campo à cidade, da cidade ao campo:**  
Trajetórias de trabalhadores do bairro Sagrada Família.  
São Francisco-MG (Anos 1980)

VALMIRO FERREIRA SILVA\*

Realizar uma pesquisa que gira em torno do cotidiano dos trabalhadores é um desafio em primar por aqueles que constituem pilares importantes na formação de nossa sociedade. Nesse viés, primando pela diversidade das formas de trabalho dos moradores do bairro Sagrada Família, em São Francisco-MG, direcionei a pesquisa sobre essas pessoas que não são constantemente enfatizadas em produções historiográficas. Este texto foi escrito a partir das entrevistas produzidas para a dissertação de mestrado em andamento, problematizando questões relativas às práticas de trabalho e modos de vida dos primeiros moradores do bairro.

O bairro em questão foi se constituindo de maneira emergencial, pois as pessoas que o habitaram pioneiramente foram famílias desabrigadas após enchentes ocorridas na região em fins da década de 1970. Conjuntos habitacionais construídos por programas do governo estadual e construções de casas pela Igreja Católica aos desabrigados são maciçamente presentes no local. Propus estudar os modos de vida e as trajetórias desses trabalhadores buscando uma perspectiva de estudo que partisse das questões do presente, como nos salienta Fenelon. (FENELON, 2006: 5).

Refletir sobre o passado desses trabalhadores em suas esferas implica necessariamente enveredar para a relação presente-passado-presente, como nos direciona os posicionamentos de Khoury. (KHOURY, 2009: 240). Para trilhar sobre esses trabalhadores é preciso que haja uma mudança de perspectiva, sair do mundo do trabalho e imergir no mundo dos trabalhadores. Este é o desafio que a autora nos coloca para inserir os sujeitos como essência das histórias que produzimos ou propomos a dissertar. Seja no campo ou na cidade, compreender o fazer-se desses trabalhadores, cotidianamente, abre um leque de possibilidades para novos posicionamentos e rediscutir novas bases para conjecturar o passado a partir de um presente vivido.

---

\* Graduado em História pela Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes, mestrando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU, na Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Regina Ilka Vieira Vasconcelos. Bolsista CNPq.

O propósito das entrevistas com os primeiros moradores era buscar as experiências deles e o cotidiano no bairro, as relações com a cidade após os acontecimentos em suas vidas. Entretanto, poucas pessoas se referiram à cidade como lugar de trabalho ou esperança de melhorias. O campo continua sendo o local onde são produzidos os recursos para manutenção da família e de expectativa para esses trabalhadores. Analisando as entrevistas notei que o fator “cidade” não foi o objetivo final de alguns entrevistados, mas apenas a necessidade de conseguir a casa própria fez com que eles mudassem dos antigos lares para a cidade. Outras pessoas, porém, foram impulsionadas, quer fossem por fatores naturais como secas e enchentes, fugindo de locais atingidos ou por sofrerem pressões para sair da terra que não era deles.

Buscando a experiência individual de cada morador, direcionei a conversa para o lado familiar e pessoal dos entrevistados. Durante as entrevistas, os trabalhadores se referiam com nostalgia quando se tratava do lugar onde moravam. Em entrevista com o senhor José Francisco Batista dos Santos, pescador, pedreiro e pequeno agricultor, morador do bairro desde o início, fica evidente que a mudança para a cidade não mudou as relações de trabalho que ele exercia no meio rural.

*Valmiro: Tem muito tempo que o senhor mora aqui no bairro Sagrada Família?*

*José Francisco Batista dos Santos: Tem, quando começou o bairro eu moro aqui. Já nessa casa, primeiro eu fiz uma casinha de pau-a-pique, fui derrubando os pau e fazendo. Eu morava lá na fazenda Pajeú. Eu sou do Distrito de Malobri, Santa Justa, lá antes era Santa Justa né e aí depois passou a ser Malobri. É uma fazenda, é porque lá era uma fazenda muito famosa e lá todo mundo conhecia lá, todo mundo morava lá perto e conhecia a região como Santa Justa, hoje é conhecida como Malobri. Nós morava lá, fui nascido e criado lá, depois mudei pro Pajeú, morei lá por quatorze anos de lá eu vim pra cá. (SANTOS, 2010).*

Nesta entrevista, o senhor José Francisco revela que morou em outros lugares antes de residir no bairro Sagrada Família. Nesses lugares exercia a profissão de trabalhador rural em fazendas de propriedades de outras pessoas. Após a residência no bairro passou a ser pedreiro, entretanto sempre exercendo funções que desempenhava no meio rural como podemos perceber abaixo.

*Valmiro: Nessa época o senhor trabalhava de que?*

*José Francisco Batista dos Santos: Eu trabalhava assim, dia sim, dia não. Eu trabalhava de servente, trabalhei uns dois meses lá embaixo né e aí acabou né, e mandou nós embora, e daí eu saí e fiquei trabalhando dia sim, dia não.*

*Valmiro: Mas, hoje o senhor trabalha de pedreiro?*

*José Francisco Batista dos Santos: Não, eu mudei de ramo, hoje eu sou pescador. Mas trabalho também, porque não dar pra sobreviver que o peixe acabou. Trabalho em tudo quanto há serviço, trabalho de enxada, trabalho de tudo que eu souber fazer, eu não escolho serviço não, tudo eu trabalho. No que eu agüentar trabalhar né. (SANTOS, 2010).*

Essas formas de trabalho do senhor José são comuns entre os moradores do bairro, pois eles possuem diversas formas de buscar a sustentação. Seja pescando, plantando grãos, verduras, legumes nos arredores do rio, ou trabalhando para outras pessoas com enxada, enxadão, foice, machado, enfim; múltiplos tipos de trabalho para sustentar a família.

*Valmiro: Seu Zé, quando o senhor veio lá do Pajeú pra cá, o senhor morava numa fazenda. Agora, por que o senhor comprou um terreno aqui longe do centro da cidade, aqui era praticamente a mesma coisa onde o senhor morava, longe da cidade, o senhor não queria morar mesmo perto da cidade?*

*José Francisco Batista dos Santos: É porque não tinha condições de comprar mais lá dentro da cidade não, tinha que comprar pra fora. Lá era caro e aqui era baratinho. Aqui a gente pagava quase só o papel pra fazer o batimento né, aqui era da prefeitura”. (SANTOS, 2010).*

Neste trecho parece ficar evidente que o senhor José procurou o atual bairro para morar por falta de oportunidades em outros locais, considerados próximos ao centro da cidade. Esta parte também revela a necessidade e dificuldade em conseguir uma casa própria para as pessoas que possuíam poucas condições. O senhor José Francisco, como disse acima, construiu primeiramente uma casa de pau-a-pique, com paredes de galhos de árvore e telhado de lona plástica. Somente após algum tempo

conseguiu condições para construir a casa própria. Atualmente o senhor José Francisco reside numa das casas construídas pela paróquia no bairro Sagrada Família.

Em outra entrevista com dona Joana dos Santos Pereira, de 66 anos, moradora do bairro desde o início, na quadra onde se formaram as primeiras construções habitacionais da paróquia, notam-se outras experiências. A casa de dona Joana é dividida ao meio para beneficiar duas famílias ao mesmo tempo. São seis cômodos, cada família reside em apenas três cômodos, sendo o banheiro no fundo do quintal para as duas famílias. A dona Joana relatou a trajetória dela e da família até chegarem ao bairro Sagrada Família. Como também explicitou as diversas funções que exerceu nesse período.

*Valmiro: Dona Joana, por que a senhora veio para o bairro Sagrada Família?*

*Joana dos Santos Pereira: Nós veio, porque nós vivia pra aqui e pra acolá e vivia só de aluguel. Morava ali e morava acolá, a gente vivia assim pra cima e pra baixo igual cigano. Nós não tinha firmeza né, a gente ficava um mês numa casa, depois o dono chegava e falava eu quero a casa. Alugava outra ali na frente, depois o dono chegava, eu quero a casa, a gente saía, ia pra outro lugar. Nós morou na mata de um genro muito tempo, depois nós voltou foi morar numa fazendinha fora, lá no São Domingo, aí voltemo pra cá, aí depois nós tornou ir pra Brasília. Meu marido trabalhou lá, depois nós deu de vim embora, quando chegou aqui nós ficou pagando aluguel, aquele sofrimento assim, pagando aluguel.*

*Valmiro: Isso tudo aqui mesmo no bairro?*

*Joana dos Santos Pereira: Não, lá na cidade, São Francisco. Pagando aluguel, pagando aluguel, a gente ficava um mês num lugar, o dono chegava pedia e depois tornava alugar, toda vida foi um sofrimento assim, ai depois Deus me ajudou que eu conversei com o padre pra mim morar aqui, agora eu tô aqui tem uns vinte e tantos anos que eu moro aqui. (PEREIRA, 2010).*

Nota-se neste trecho que, assim como o senhor José Francisco referiu aos outros bairros ou ao centro como “cidade”, a dona Joana também: “Não, lá na cidade, São Francisco”, isso porque o bairro Sagrada Família foi se constituindo em fins de 1970 e início de 1980 num local fora do perímetro urbano. Inicialmente habitado por pessoas que residiam nos arredores da cidade, zona rural. Com isso, os moradores

antigos ao se referirem a outros bairros ou ao centro, utilizam o termo “cidade”, dando a entender que o bairro ainda não está anexado à cidade.

**Valmiro:** *E antes, quando a senhora morava na roça, a senhora fazia o que?*

**Joana dos Santos Pereira:** *Eu plantava roça né, plantava roça, meu marido também plantava roça. Nós morava em fazenda dos outros. Aí depois que nós chegemos praqui, mechemos com olaria fazendo tijolo, depois ele não agüentou mais por causa de problema de coluna e nem ele e nem eu mais não agüentou mais, aí eu aposentei.*

**Valmiro:** *Dona Joana, depois que a senhora mudou pra cá a senhora trabalhava em que?*

**Joana dos Santos Pereira:** *De toda vida, primeiro eu lavava roupa pros outros né. Lavei muita roupa pros outros, lavei, depois eu não agüentei mais lavar roupa, tentei trabalhar uns tempo na olaria, fazer tijolo mais meu marido. Depois nós não agüentou mais mexer e aí nós pegou e quietou. Eu aposentei né e tô ai mexendo aí, aposentei de invalidez é uma aposentação que não é seguro né porque de invalidez no mesmo instante que você tá aposentado eles cortam.*

**Valmiro:** *A senhora falou que vivia pra lá e pra cá igual cigano, quando vocês decidiram vir pra cá não tinha outra oportunidade de ficar lá mais perto do centro?*

**Joana dos Santos Pereira:** *É não tinha né, porque lá tinha que pagar aluguel né e nós não tava tendo condições de pagar aluguel porque o povo só ficava era atrás das casas, eu caminhei pro padre, contei minha situação como é que eu vivia, aí ele pegou e me deu essa casa. Graças a Deus depois que ele me deu a casa que eu sosseguei né, agora eu tô aqui tem uns vinte e tantos anos que eu moro aqui.*

**Valmiro:** *A senhora disse que conseguiu a casa com o padre?*

**Joana dos Santos Pereira:** *É padre Vicente, nós mora na casa dele.*

**Valmiro:** *Como a senhora fez pra conseguir uma casa com o padre?*

**Joana dos Santos Pereira:** *Ah, eu cheguei nele, falei pra ele, contei minha situação né, nós vivia no mundo pra aqui pra acolá que eu não tinha lugar de ficar eu morava num canto o dono chegava, eu vivia de pagar aluguel eu não tinha dinheiro, naquela época era muito ruim de serviço né, até hoje também ainda é né. Aí eu falei pra ele que vivia numa casa pagando aluguel e depois o dono chegava e queria a casa e a gente vivia assim pra cima e pra baixo, a gente não tinha nada, a gente não tinha um prato, a gente não tinha uma xícara pra dar uma pessoa um café quando chegava na casa da gente. A*

*gente vivia com as coisas na cabeça parecendo cigano naquele maior sofrimento. Aí eu cheguei e falei pra ele, ele pegou e falou; “eu desocupo uma casa e te dou”, a primeira que ele me deu foi ali no beco. Na ruína de lá que eles falam beco, de lá eu mudei pra cá. (PEREIRA, 2010).*

A fala de dona Joana enfatiza muitas dificuldades em conseguir uma residência definitiva. A falta de condições fez com que ela procurasse o bairro para morar no momento em que ainda estava em construção. Nestas passagens transcritas, a dona Joana cita o nome do padre Vicente quem a concedeu uma casa para morar. É importante esclarecer que as primeiras habitações do bairro foram erguidas pela paróquia local, sob o intermédio do padre alemão, Vicente Euteneuer para os desabrigados das enchentes no período citado. Mesmo não passando pela experiência de ser flagelada de enchentes a dona Joana conseguiu uma moradia através do religioso. Este pároco continua realizando o trabalho de construção de moradias para pessoas carentes no bairro Sagrada Família com verbas que angaria por meio de organizações como Cáritas, e outras paróquias, sobretudo da Alemanha, sua terra natal. Neste texto, não enfatizarei esse assunto, pois não cabe estender a discussão neste viés, mas estou problematizando o papel da Igreja Católica no bairro a ser discutido em análises posteriores.

Voltando à fala da dona Joana, após se mudar para a cidade procurou exercer outras funções como lavar roupas em casas de família, fazer tijolos para venda e continuou cultivando pequenas lavouras para subsistência, entretanto, por problemas de saúde, não pode continuar. Mas ao se referir à sua vida como a de ciganos, ratifica que sempre tentou buscar um lugar definitivo em outros locais independentemente de onde viesse acontecer, concretizando apenas no bairro Sagrada Família.

Outra entrevistada dona Ana Souza de Jesus, 56 anos, trabalhadora rural, passou pela experiência de ser flagelada de enchente e encontrou residência no bairro. Ela mora no quarteirão onde foram construídas as primeiras residências pela paróquia. O local da casa é numa área chamada “Beco”, isso porque o acesso às casas é uma alameda que não tem saída para outras ruas. Esta quadra foi construída dessa forma porque no início havia muitas pessoas desamparadas necessitando de moradias. Existem 34 casas no mesmo quarteirão, algumas divididas em duas para comportarem duas famílias, totalizando 40 famílias.

**Valmiro:** *Tem quanto tempo que a senhora mora aqui, ou a senhora mora aqui desde o início do bairro mesmo?*

**Ana Souza de Jesus:** *Desde 79, eu morava na Vaqueta.*

**Valmiro:** *Quando a senhora veio de lá pra cá a senhora veio foi por causa da enchente?*

**Ana Souza de Jesus:** *Foi. Eu vim foi corrida. Eu cheguei a ficar dentro d'água mesmo. Vim foi corrida da enchente mesmo. Nós morava entre a lagoa da Vaqueta e entre o rio, porque tem o rio de lá e a lagoa de cá, então nós morava na ilha da lagoa entre o rio. Aí na enchente nós viemos corrida pra cá, lá encheu tudo não teve jeito pra mim ficar né, porque o rio lá sangrava assim né. Oh! Menino, mas nessa época eu vou te contar, eu sofri com dois menino pequeno só Deus e eu que tava lá. Meu marido tinha vindo pra cá quando esse rio sangrou ele soube que tava dando uma ajuda pro povo, aí eles vieram largaram nós mulher lá ficou só nós mulher lá com as meninas lá.*

*Desde 79 eu morava na Vaqueta. Meu marido ajudou trabalhou aqui ainda, foi a valência foi a ajuda porque não tinha serviço nenhum e não tava tendo ganho nenhum.*

**Valmiro:** *Dona Ana, quando a senhora morava na Vaqueta vocês faziam lá era plantar roça?*

**Ana Souza de Jesus:** *Era. Na beira do rio. Vazante e dos tempos de lá vim pra cá, mas sempre mexendo com vazante direto. Até hoje mexendo com vazante. Planta milho, feijão, mandioca, melancia, abóbora, quiabo, lá nós só não planta arroz, mas se plantar dar também, mas nós não plantou só arroz.*

**Valmiro:** *Dona Ana, quando a senhora falou que depois que a senhora estava aqui a água baixou, a senhora ainda voltou pra lá?*

**Ana Souza de Jesus:** *Pra lá, pra Vaqueta não. Voltei não. (JESUS, 2011).*

**Valmiro:** *Mas a senhora acha que era possível voltar a viver lá depois da enchente ou não?*

**Ana Souza de Jesus:** *Ah, era possível assim, porque se fosse, os donos de lá desse terreno lá aceitasse a gente de volta a gente voltava, mas eles não quis mais a gente pra morar de agregado assim pra eles lá. Lá era pregado na fazenda, eles falavam que era dono dessa beira de rio, mas beira de rio é da marinha né? Não. Era aqui mesmo, todo mundo, todo mundo que morava aqui, já que vieram todo mundo pra aqui pegava era aqui mesmo, mas eu nunca fiquei sem trabalhar cheguei pra aqui, daqui já fui trabalhar, aqui já*

*tinha um amigo dele que morava pra aqui né e nós foi trabalhar mais esse amigo dele em vazante direto desde o inicio que nós chegou é direto.*  
(JESUS, 2010).

No caso da dona Ana, outro fator contribuiu para que ela permanecesse no bairro Sagrada Família, era agregada de fazendeiros. Com isso, a enchente citada foi propícia aos dois casos, ao fazendeiro que “se livrou” de uma agregada e à dona Ana que conseguiu uma residência definitiva por meio da paróquia. Havia o interesse em voltar para o local de origem, como ela se refere, caso o terreno ou a casa fossem deles. Mas se tratava de terras arrendadas de fazendeiros, viviam na condição de agregados. A enchente, no caso de dona Ana, foi uma pressão natural para sair do lugar, mas outras pressões foram maiores, as dos donos da terra, deixando-a indefesa nesta questão.

O trabalho da dona Ana e do marido plantando vazante na beira do rio, o marido trabalhando de pedreiro foram as formas que encontraram para continuarem trabalhando no novo bairro, ou na cidade, tentando reconstruir a vida da maneira que estavam acostumados. Durante a entrevista, em momento algum a dona Ana se referiu à falta de emprego na cidade, pois os motivos a queixarem ou vangloriarem estavam no campo. Mesmo com a mudança para um local distante de onde moravam, as práticas de trabalho continuaram nas proximidades do bairro. Este foi um suposto que mudei de acordo com os contatos com os entrevistados, pois havia imaginado que todas as pessoas foram para a cidade, quer fossem em momentos de calamidade, quer fossem em outros momentos, para buscar uma vida melhor.

Outro entrevistado, o senhor Arnaldo Alves Correa, morador de uma das casas erguidas pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) no bairro para os desabrigados das enchentes do final da década de 1970. O senhor Arnaldo faz parte de um Terno de Folia de Reis, atualmente cultiva plantações ao redor do rio São Francisco, planta em outros lugares em terrenos arrendados com proprietários e também faz parte de um projeto da Petrobras no município plantando mamona para extração do biodiesel.

Ao ser indagado sobre o local de moradia e origem ele respondeu que:

*Arnaldo Alves Correa: Assim eu morava na roça, no Angical, mas primeiro eu criei um bocado de meus meninos foi na Taboquinha, pregado com o Angical, distrito de Tapera. Eu mudei pra cá foi 79. Só que a gente sempre mexia com roça, é porque eu perdi o terreninho que eu tinha lá.*



**Valmiro:** *Por que vocês vieram para o bairro Sagrada Família?*

**Arnaldo Alves Correa:** *Ah, lá foi na época que lá não tinha água não, tinha água não. Lá não tinha nem água e nem luz. Tinha não. Porque a roça hoje você pode mexer aqui pode mexer pra acolá, mas, o futuro da pessoa é na roça. (CORREA, 2011).*

O senhor Arnaldo ao dizer que o “futuro da pessoa é na roça”, passa-nos a mensagem de que a cidade para ele é apenas um local de descanso, sendo a roça o local em que extrai todo o sustento da família.

**Valmiro:** *Até hoje o senhor planta roça lá?*

**Arnaldo Alves Correa:** *Mexo, eu mexo com lavoura. Agora eu tenho casa lá.*

**Valmiro:** *Quando o senhor veio morar aqui?*

**Arnaldo Alves Correa:** *É quando veio a enchente eu tava morando aqui na beira do rio. Mas eu mexia na roça ainda, mesmo quando eu parei de mexer lá eu comprei aqui na beira do rio. Era morando aqui e mexendo pra lá não tava bom não, depois que nós já tava lá nós fez a casa lá. É bom demais dar vontade de ficar lá direto.*

**Valmiro:** *Seu Arnaldo, como vocês fizeram para conseguir essa casa aqui no bairro?*

**Arnaldo Alves Correa:** *Essa casa aqui eu fiz a inscrição na época da enchente de 79, eu morava na beira do rio né. O trem atingiu lá todinha, rebuçou minha casa, ela caiu, quando ela caiu, eu saí pra fora né, sai pra fora e... E quando a água baixou e deu chão, eu tornei voltar pra trás, não tinha lugar de ir. Eu voltei pra trás, mas a casa caiu. Aí, o padre pega e me dar uma casa acolá né, ele fez um quarteirão de casa ali, as primeira casa, ele pegou e me deu uma casa lá. Mas eu tinha feito a inscrição dessas né, eu fiz a inscrição delas, mas o padre me deu uma casa pra mim morar. Aí essas aqui que eu fiz a inscrição foi e saiu pra mim.*

**Valmiro:** *Seu Arnaldo, então o senhor gosta de ficar mais na roça do que na cidade?*

**Arnaldo Alves Correa:** *Eu pro gosto meu... pra mim vim aqui tem que brigar comigo, porque eu não gosto muito daqui não. Eu gosto de ficar é lá moço porque lá você pega no serviço cedo e você livra de tá nessa passagem do rio pra lá e pra cá. (CORREA, 2011).*

No caso do senhor Arnaldo, a preferência pela roça à cidade pode estar no fato de ter nascido no meio rural e residir na cidade por um momento emergencial, as enchentes de 1979. Mas, isto não é uma regra. O senhor Arnaldo tem os motivos para continuar no campo, plantando roças, grãos e legumes. Para ele, a cidade ou o bairro Sagrada Família é apenas um lugar de parada, descanso onde a família toda reside.

Experiência comum, mas com objetivos diferentes é a trajetória do senhor Claudionor Rodrigues Pinto, conhecido como Coló. O senhor Claudionor reside numa casa construída por ele mesmo sem ajuda da paróquia ou da prefeitura. Durante a vivência no bairro já atuou como membro e presidente da Associação dos Moradores do Bairro Sagrada Família, foi eleito vereador e atualmente exerce a função de Comissário de Menores, também cargo eletivo.

*Valmiro: Você me disse que chegou pra cá em 79, você morava onde antes?*

*Claudionor Rodrigues Pinto: Eu morava lá no centro ao lado da prefeitura, na enchente eu mudei, saí de lá, mudei pro bairro Aparecida, da Aparecida mudei pro bairro Bandeirante. Quando o rio baixou eu mudei pra cá. Mas antes disso já tinha uns quatro ou cinco anos que eu morava lá no centro. Pra São Francisco mesmo parece que eu vim em 74 ou foi 75. Antes eu morava em Pintópolis, mas eu nasci aqui no município de São Francisco, no Mocambo. Mudamos pra Pintópolis porque lá não tinha água.*

*Valmiro: Coló, por que você voltou de Pintópolis pra São Francisco.*

*Claudionor Rodrigues Pinto: Foi porque eu não acreditava que Pintópolis ia melhorar como melhorou e tava muito ruim naquela época lá, e eu querendo dar uma oportunidade melhor pros meus filhos né, pôr eles pra estudar aqui e o comércio que não dava em Pintópolis porque lá em Pintópolis tem muito parente e não dava bem com comércio. Aí mudei pra São Francisco pra trabalhar com comércio, mas o comércio não durou muito não. (PINTO, 2011).*

Nesta parte transcrita da entrevista, o senhor Claudionor revela várias trajetórias. Primeiro, a família dele e irmãos que mudaram do município de São Francisco para outro local, que se tornou cidade em 1992, sob a denominação de Pintópolis, referência à família dele por ter sido pioneira no local. Entretanto, descontente com o andamento do comércio nessa cidade, o senhor Claudionor retorna a São Francisco tentando dar aos filhos “melhores oportunidades”. Neste ponto há uma

clara evidência de que o fator “cidade” para ele fazia diferença, pois o comércio dependia, para ele, do local onde estabelecia. A mudança de um bairro para outro, revela as diversas trajetórias e tentativas de fixação, entretanto, não tornando possível devido ao pagamento de aluguel.

*Valmiro: Quando você morava lá no centro, você já trabalhava com comércio?*

*Claudionor Rodrigues Pinto: Já. Só que não dava porque tinha que pagar aluguel, pagava imposto, pagava aluguel do comércio, da casa, foi muito tempo. A enchente, eu sofri na enchente e foi minha salvação a enchente. Quando veio a enchente e não tinha pra onde ir, tive que sair nas carreira, tomei prejuízo, o comércio a água levou, saí, vai pra um canto, vai pra outro, foi bom pra mim porque assim eu achei o Sagrada Família aqui. Eu gosto, um lugar que me criei, criei meus filhos. (PINTO, 2011).*

“A enchente, eu sofri na enchente e foi minha salvação a enchente”. Este fenômeno foi o fator que o levou a mudar do centro da cidade para o bairro Sagrada Família à procura de abrigo seguro e uma nova oportunidade de trabalho, novo ponto de comércio e moradia. “Foi bom pra mim, porque assim eu achei o Sagrada Família aqui. Eu gosto, um lugar que me criei, criei meus filhos”. O bairro significou uma saída para o senhor Claudionor, em meio aos problemas vividos pelas enchentes.

*Valmiro: Como você fez pra adquirir o terreno e construir a casa?*

*Claudionor Rodrigues Pinto: Eu morava no bairro Bandeirante pagando aluguel próximo do Aeroporto e comprei o terreno aqui a prestação. Um loteamento que a prefeitura abriu, fui pagando o terreno e comecei construir aos poucos. Mudei pra cá, saí do aluguel e ficou a família morando aqui e eu com o comércio lá.*

*Valmiro: Coló outra coisa, quando você veio lá do bairro Bandeirante pra cá, praticamente não existia nada aqui no bairro, não passou pela sua cabeça comprar um terreno em outro lugar ou mais perto do centro, ou você não teve essa oportunidade?*

*Claudionor Rodrigues Pinto: Não, eu sempre apostei no bairro aqui, passei a gostar, gostei do bairro, queria ver o bairro melhorar né e nunca quis sair daqui não. (PINTO, 2011).*

Pelas falas do senhor Claudionor, relatando que saiu do aluguel e proporcionou aos filhos condições para estudar, fator que não possuía na cidade onde residia e, quando diz “acreditar no bairro”, “ver o bairro melhorar”, nos aponta para uma perspectiva melhor daquela que almejava, mas não conseguiu no centro pagando aluguel. Posteriormente, com outros moradores, o senhor Claudionor fundou a Associação dos Moradores do bairro Sagrada Família com objetivos comuns de reivindicar melhorias para o bairro.

Para alguns entrevistados, parece prazeroso compartilhar um pouco de experiência com o historiador, mesmo não sabendo ou entendendo o que realmente estamos fazendo. Alguns se sentem felizes por participar de um trabalho que fale sobre a “história de um bairro”, ou a “história deles”. Contam com paciência a trajetória e, pelo que ressoa nas conversas, não se arrependem de passar por tais situações. Apesar de narrativas sofridas, vangloriam por terem superados momentos difíceis. Algumas pessoas não encararam como perguntas e respostas. Os entrevistados nos trilham por gestos, risos e nomes para que sintamos e possamos perceber um pouco de como seria compartilhar e viver essas experiências.

Entretanto, existem experiências que outras fontes não nos proporcionam, somente a história oral, como levar um não na “cara”. Tentando realizar entrevistas, percorrendo o local de pesquisa, apresentando-me e esclarecendo os pontos a abordar, propondo uma conversa, algumas pessoas aparentaram desconfiar. E, por mais que esclarecesse os objetivos, citando nomes de pessoas que são seus amigos e dizendo querer apenas “cinco minutos” de atenção, elas titubeavam e recusavam-se a falar comigo.

Em meu caso, utilizei do artefato de ser morador do bairro que pesquiso, ter sido professor do ensino fundamental no bairro e outros, mesmo assim alguns “nãos” foram inevitáveis. Algumas pessoas diziam temer passar informações sobre a vida para alguém estranho. Não tiro tais razões, pois os entrevistados querem apenas se preservar, pois eles não são fontes estáticas a serem analisadas, como salientou Portelli que, na história oral “nunca nos esquecemos que há pessoas, há gente, há vidas individuais...”. (ALMEIDA; KHOURY, 2002: 34). Contudo, são fatores que dificultam o trabalho com história oral que depende, antes de tudo, de “jogo de cintura”. Ou podemos enveredar para o paradoxo que Portelli aborda na *Filosofia e os Fatos*, ao relatar que as “fontes

são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros”. (PORTELLI, 1996: 60).

As entrevistas com os moradores tornaram-se sumamente importantes, pois, antes das discussões sobre as interpretações construídas a respeito do referido bairro, a partir de memorialistas e imprensa da cidade, já eram fatos públicos e de meu conhecimento. Publicações e construções sobre moradores aumentando a área periférica da cidade, vivendo de subemprego e gerando violências eram frequentes após a formação do local. No entanto, após as entrevistas, percebi que tais publicações não revelavam realmente as condições e perspectivas dos moradores na cidade. Não posso dizer que essas pessoas habitariam o bairro, mesmo se não ocorressem enchentes, secas ou fossem expulsos por fazendeiros de suas terras. Este não constitui o objetivo do historiador. Mas, para os sujeitos que passaram por tais encargos, como os entrevistados acima, esse espaço significou o lugar do recomeço, onde uma nova vida continua reconstruindo-se.

Em relação aos moradores entrevistados, o que se nota é que, inicialmente, eles não foram para a cidade em busca de emprego, como havia pressuposto antes de ter contado com os mesmos e como alguns textos ainda nos remetem. Os diálogos acima contrastam, por exemplo, com alguns pontos de Lefebvre quando aponta a cidade como “lugar onde as pessoas esboçam seus sonhos, planos e veem nela o lugar que desejam para realizar seus anseios”. (LEFEBVRE, 2001: 71). Alguns dos entrevistados proporcionam inferimos que foram alocados no bairro porque não tinham outro lugar para serem abrigados, outros, porém, foram direcionados, a partir das necessidades por moradias.

## **ENTREVISTAS:**

CORREA, Arnaldo Alves. Entrevistador Valmiro Ferreira Silva. São Francisco-MG, 6 jan. 2011.

JESUS, Ana Souza de. Entrevistador Valmiro Ferreira Silva. São Francisco-MG, 3 jan. 2011.

PEREIRA, Joana dos Santos. Entrevistador Valmiro Ferreira Silva. São Francisco-MG, 29 dez. 2010.

PINTO, Claudionor Rodrigues. Entrevistador Valmiro Ferreira Silva. São Francisco-MG, 22 jan. 2011.

SANTOS, José Francisco Batista dos. Entrevistador Valmiro Ferreira Silva. São Francisco-MG, 29 dez. 2010.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALMEIDA, Paulo Roberto; KHOURY, Yara Aun. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **História e Perspectivas**. Uberlândia, ns. 25 e 26, p. 9-26, jul.-dez. 2001/ jan.-jul. 2002.

FENELON, Déa Ribeiro. Apresentação. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'água, 2006. p. 5-10.

KHOURY, Yara Aun. Do mundo do trabalho ao mundo dos trabalhadores: História e Historiografia. In: PORTELLI, Alessandro. et. al. (Orgs.). **Mundo dos trabalhadores, lutas e projetos: temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea**. Cascavel-PR: EDUNIOESTE, 2009. p. 113-140.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**. Niterói, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.